

# Percepção de religiosidade e forças pessoais: Relação entre os construtos em universitários

Ana Paula Porto Noronha

Helder Henrique Viana Batista

Marcela Hipólito de Souza

## RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as relações entre a percepção de religiosidade e as forças pessoais e as diferenças quanto à idade, ao sexo e nível de religiosidade dos participantes. Para tanto, 92 estudantes, com idades entre 18 e 64 anos ( $M= 25,13$ ;  $DP=8,09$ ), de uma universidade particular do estado de São Paulo, responderam à Escala de Avaliação da Percepção de Religiosidade (EAPRE) e à Escala de Forças de Caráter (EFC). Foram encontradas correlações significativas entre 21 forças da EFC, e o fator internalização da EAPRE ( $r$  entre 0,21 e 0,49), e três forças pessoais com o fator externalização ( $r$  entre 0,25 e 0,53). As mulheres apresentaram maiores médias que os homens no fator internalização da EAPRE e em seis forças de caráter da EFC. Além disso, os participantes que se percebiam com alto nível de religiosidade apresentaram maiores médias na força espiritualidade. Pesquisas com outras amostras são necessárias para permitir o amadurecimento dos conceitos investigados, sobretudo no Brasil, onde os instrumentos que avaliam construtos da psicologia positiva estão em desenvolvimento.

*Palavras-chave:* Psicologia Positiva; espiritualidade; bem-estar subjetivo.

## ABSTRACT

### Perception of religiosity and characters strengths: Relationship between the constructs in university students

This research aimed to investigate the relationships between the perception of religiosity and the character strengths and the differences in age, gender, and level of religiosity of the participants. To this end, 92 students, aged between 18 and 64 years ( $M= 25.13$ ;  $SD=8.09$ ), from a private university in the state of São Paulo, answered the Religiosity Perception Assessment Scale (EAPRE) and the Character Strengths Scale (EFC). Significant correlations were found between 21 EFC forces, and the internalization factor of EAPRE ( $r$  between 0.21 and 0.49) and three-character strengths with the externalization factor ( $r$  between 0.25 and 0.53). Women presented higher averages than men in the internalization factor of PSAE and in six-character strengths of EFC. In addition, the participants who perceived themselves with a high level of religiosity presented higher averages in the spiritual strength. Research with other samples is necessary to allow the maturation of the concepts investigated, especially in Brazil, where the instruments that evaluate positive psychology constructs are under development.

*Keywords:* Positive psychology; spirituality; subjective well-being.

## Sobre os Autores

A.P.P.N.  
orcid.org/0000-0001-6821-0299  
Universidade São Francisco –  
Campinas, SP  
ana.noronha@usf.edu.br

H.H.V.B.  
orcid.org/0000-0001-5588-8682  
Universidade São Francisco –  
Campinas, SP  
helder.hvb@gmail.com

M.H. de S.  
orcid.org/0000-0001-8519-5713  
Universidade São Francisco –  
Campinas, SP  
marcelahipolitos@gmail.com

## Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



A religião permeia a história dos seres humanos há séculos, recebendo influência de pensadores como Aristóteles, Platão e Sócrates, e sendo um dos fenômenos culturais mais antigos da humanidade (Lang, 2019; Lang & Kundt, 2020; Lotufo Neto, 1997). Dada a relevância histórica e seus impactos nos comportamentos humanos, na ciência psicológica o tema também tem sido inserido nas agendas de pesquisa (Stulp et al., 2019), posto que a religiosidade/espiritualidade pode ser benéfica ou, em outra medida, causar prejuízos aos indivíduos. Mais especialmente quanto aos benefícios, a religiosidade, foco deste estudo, tende a promover o desenvolvimento de adolescentes, é fator protetivo para comportamentos internalizantes e externalizantes, além de promover o bem-estar e a pró-sociabilidade (Schnitker et al., 2021). Por sua vez, quanto aos malefícios, Stulp et al. (2019), com base em uma meta-análise, encontraram que representações negativas de Deus predizem angústia, com tamanho de efeito mais forte do que estudos que predisseram religiosidade e bem-estar.

Geralmente, os termos espiritualidade e religiosidade são tratados como sinônimos nas Ciências Sociais (Miller & Thoresen, 2003), porém existem distinções entre esses construtos (Van Niekerk, 2018), sendo necessário discuti-los. De acordo com Zinnbauer et al. (1997), espiritualidade e religiosidade possuem em comum um núcleo que envolve comportamentos, sentimentos e pensamentos que visam a transcendência e a busca por um ser superior, conforme a percepção das pessoas. A religiosidade refere-se à vivência de um sistema de práticas, crenças e rituais facilitadores da aproximação do indivíduo com o sagrado/transcendente e estimula a compreensão da responsabilidade e da relação com outras pessoas a partir do convívio comunitário e participação em cultos. Por sua vez, a espiritualidade é mais particular, com vistas à compreensão das questões referentes à interação entre o sagrado/transcendente e os seres humanos, e considera as virtudes que podem surgir dessa interação. A terminologia adotada nas investigações não é necessariamente consensual, e, por isso, nem sempre está em consonância com a definição de Zinnbauer et al. (1997) adotada neste estudo. Assim, optou-se por manter o conceito usado por cada pesquisador nos estudos arrolados, embora presente-mente a escala de avaliação utilizada forneça dados sobre a percepção de religiosidade, e não espiritualidade, sendo o primeiro o foco desta pesquisa.

Tinoco-Amador (2009) ressalta que os costumes, práticas e hábitos religiosos são inerentes às percepções religiosas que cada indivíduo tem, sendo por meio dessas percepções que a crença em um mundo melhor é mantida. O autor sustenta que a percepção de religiosidade seria um elemento estrutural de relações interpessoais, ao ponto de ser possível regulá-las. A religiosidade possui dois componentes, quais sejam, intrínseco e extrínseco, que estão intimamente ligados entre si (Shannon, 2004). O componente intrínseco, possivelmente mais ligado à definição de espiritualidade, faz referên-

cia à valoração que uma pessoa atribui à religião, o que a faz ter atitudes de perdão e generosidade, por exemplo, e possibilitam a atribuição de um significado à vida (Lotufo Neto, 1997; Shannon, 2004). Por sua vez, o componente extrínseco, mais ligado à vivência da religiosidade, volta-se à demonstração de comportamentos religiosos, tais como ir ao templo religioso e participar de grupos de discussão, ou seja, seriam meios para se atingir um fim (Lotufo Neto, 1997; Shannon, 2004).

Ainda quanto aos componentes externalização e internalização de religiosidade, Noronha et al. (2017) buscaram identificar possíveis diferenças relacionadas à faixa etária, sexo e nível de religiosidade. Os autores identificaram que os participantes mais velhos externalizam mais a religiosidade (como ir ao templo religioso e participação em grupos de discussão), e os que afirmam possuir maiores níveis de religiosidade pontuam mais alto em externalização e internalização, independentemente do sexo dos participantes. Por sua vez, Moreira-Almeida et al. (2010) identificaram que as mulheres frequentam mais os espaços religiosos e atribuem maior importância à religião que os homens, enquanto as pessoas mais velhas atribuem maior importância à religião que os mais novos. Assim, esse achado está em consonância com outros estudos que destacaram que as mulheres e as pessoas mais velhas pontuam mais que os homens e pessoas mais jovens em medidas de espiritualidade e envolvimento religioso (Brown et al., 2013; Robinson et al., 2018).

Wink e Dillon (2008) investigaram o desenvolvimento da espiritualidade e religiosidade desde a idade adulta até a velhice, de forma que os resultados encontrados indicaram que os níveis de espiritualidade tendem a aumentar com o passar dos anos, sendo que as mulheres apresentam maiores níveis de religiosidade que os homens, reforçando os achados anteriores. No entanto, os homens mostraram aumento de espiritualidade mais significativo que as mulheres. Ademais, Tinoco-Amador (2009) sugere o desenvolvimento de novas pesquisas para compreender melhor as semelhanças e diferenças de percepção religiosa em grupos distintos.

Nas últimas duas décadas, notou-se um aumento de pesquisas publicadas sobre espiritualidade e religiosidade, uma vez que foram reconhecidos os benefícios da espiritualidade no tratamento psicoterápico, no enfrentamento de doenças, na manutenção de saúde e cura (Božek et al., 2020; Farinha et al., 2018; Greer & Abel, 2017; Gwin, et al., 2020; Rafati et al., 2020; Thiengo et al., 2019). Ademais, mais recentemente, a Psicologia Positiva tem buscado estudar variáveis como a espiritualidade, religiosidade, otimismo, esperança e resiliência, por serem aspectos que se relacionam com o bem-estar subjetivo e a qualidade de vida de pessoas doentes e saudáveis, de populações diversas, embora alguns resultados ainda sejam embrionários (Barton & Miller, 2015; Deb, 2018; Ntozini & Walton, 2020; Rand et al., 2020; Sharma & Singh, 2019).

Peterson e Seligman (2004) identificaram que pontos fortes do caráter humano estariam ligados à moralidade dos

atos indicados pelas grandes religiões e filosofias, tais como Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Confucionismo e o Taoísmo, o Budismo e o Hinduísmo. Além disso, Peterson e Seligman (2004) desenvolveram o *Values in Action (VIA) Classification of Strengths*, um rol de 24 forças pessoais. Elas são consideradas características que contribuem para um bom desenvolvimento humano e para o que possivelmente torna a vida mais agradável. Organizadas em seis virtudes superiores (i.e., sabedoria, coragem, humanidade, justiça, temperança e transcendência), as forças pessoais foram definidas, em trabalho inicial, como a capacidade que os seres humanos possuem de pensar, sentir e se comportar, contribuindo para o desenvolvimento da bondade humana (Peterson & Park, 2006). Posteriormente, Niemiec (2018) endossou forças como traços positivos de personalidade, que promovem resultados positivos para os indivíduos e para aqueles com quem eles convivem.

*Character strengths* é a expressão que traduz forças de caráter. No entanto, Noronha e Reppold (2020) defenderam que forças pessoais, nomenclatura que será adotada a partir deste momento, é a tradução mais adequada para o português. Estudos anteriores se utilizaram da nomenclatura forças de caráter (Noronha & Barbosa, 2016; Noronha & Batista, 2017; Noronha & Batista, 2020b), ao passo que, no momento atual, os estudos sobre as forças estão considerando a alteração da nomenclatura para forças pessoais (Batista & Noronha, 2021; Batista et al., 2021). As forças pessoais frequentemente, segundo Seligman (2019), possibilitam o maior engajamento em atividades como o trabalho e estudos, melhores relacionamentos interpessoais e maior vivência de emoções positivas. Além disso, elas podem ser importantes à medida que auxiliam na diminuição de sintomas de ansiedade e depressão (Duan et al., 2019; Gustems & Calderon, 2014; Mezo & Elhai, 2020; Tehranchi et al., 2018), funcionando como fatores protetivos contra doenças mentais e possíveis recursos para o desenvolvimento da boa saúde humana (Batista & Noronha, 2021; Seligman, 2019).

Niemiec e Pearce (2021) afirmaram que mais de 700 estudos foram publicados com o VIA. No entanto, no Brasil, é um tema ainda pouco visitado. A este respeito, alguns autores propõem que pesquisas sejam realizadas com o intuito de compreender as forças pessoais quanto às características psicométricas e sociodemográficas e em contextos variados, como o acadêmico, organizacional e clínico (Batista et al., 2021; Noronha & Batista, 2017, 2020a, 2020b; Noronha & Campos, 2018; Noronha et al., 2015). A importância de investigar as forças pessoais e o nível de percepção de religiosidade no contexto acadêmico, foco do presente estudo, centra-se no fato de a academia ser um espaço que possibilita ao estudante o autoconhecimento e o desenvolvimento de suas próprias habilidades (Choudhury & Borooah, 2017). Além disso, as forças pessoais e maiores níveis de envolvimento espiritual estão positivamente relacionados com o bem-estar psicológico de estudantes (Gustems & Calderon, 2014), e a

abertura à dimensão espiritual, bem como as forças pessoais, como o amor ao aprendizado e a persistência, podem auxiliar os estudantes quanto ao seu desempenho acadêmico (Choudhury & Borooah, 2017).

Os estudos que buscam relacionar as forças pessoais e o nível de percepção de religiosidade têm sido pouco desenvolvidos, sobretudo com universitários. A título de exemplo, Barton e Miller (2015) encontraram correlações positivas entre os construtos da psicologia positiva (otimismo, coragem, significado e perdão) e o nível de espiritualidade pessoal em adolescentes e adultos jovens (idades entre 18 e 25 anos) e adultos mais velhos (entre 26 e 82 anos), sendo que os participantes com alto nível de espiritualidade apresentaram maiores médias em otimismo, coragem, significado e perdão nos dois grupos etários. Mais recentemente, Ashfaq (2022), ao relacionar forças pessoais e religiosidade, encontrou associações fortes ( $r = 0,86$ ) entre os construtos. No entanto, cabe ressaltar que as forças pessoais foram analisadas com base em um escore geral, e não individualmente como neste estudo. Por meio da análise de modelo de equação estrutural, Idriyani (2021) concluiu que a religiosidade é mediadora das relações entre forças pessoais e resiliência e apego parental.

Noronha e Martins (2016) identificaram, em uma amostra de universitários, que as mulheres obtiveram maiores médias em mais forças pessoais que os homens, quais sejam, autenticidade, bondade, gratidão e perseverança. Todavia, não encontraram diferenças no que diz respeito à faixa etária, possivelmente por 90,3% dos participantes ( $n = 167$ ) ter o mesmo intervalo etário (entre 17 e 26 anos), o que não permitiu a comparação entre grupos. No estudo normativo da Escala de Forças de Caráter, Noronha e Barbosa (2016) identificaram que dez forças se diferiram significativamente quanto ao sexo dos participantes, de forma que as mulheres tiveram maiores médias em sete delas. Quanto à idade, os participantes mais velhos apresentaram maiores médias em mais forças que os mais novos. Por fim, Linley et al. (2007) realizaram um estudo em uma amostra geral e verificaram que as mulheres pontuaram em mais forças que os homens. Quanto à idade, os autores encontraram correlações de magnitudes baixas ( $r < 0,20$ ), mas ressaltam que as forças podem se desenvolver com o passar dos anos.

Isto posto, tendo em vista a necessidade de melhor compreensão da relação entre os aspectos da espiritualidade e religiosidade com as forças pessoais, o presente estudo teve por objetivo investigar as correlações entre o nível de percepção de religiosidade e forças pessoais, por meio de dois instrumentos brasileiros, em uma amostra de universitários. Além disso, foram investigadas eventuais diferenças de idade, sexo e frequência em cultos religiosos. Para o presente estudo, espera-se que as correlações entre as forças pessoais e a percepção de religiosidade tenham magnitudes que variem entre fracas e moderadas (Barton & Miller, 2015).

## Método

### Participantes

A amostra foi composta por 92 estudantes de uma universidade particular do interior do estado de São Paulo. A faixa etária variou entre 18 e 64 anos ( $M= 25,13$ ;  $DP= 8,09$ ) e 50% era do sexo feminino ( $n= 46$ ). Do total de participantes, 56,5% ( $n= 52$ ) cursava Psicologia, enquanto 43,5% ( $n= 40$ ) cursava Engenharia Civil. Quanto à religião, 50% dos participantes ( $n= 46$ ) era católica; 23,8% ateu, sem religião ou agnóstico ( $n= 17$ ); 10,9% evangélicos ( $n= 10$ ); 3,3% cristãos ( $n= 3$ ); 2,2% presbiterianos ( $n= 2$ ); 4,4% outras religiões ( $n= 4$ ) e 5,4% não respondeu ( $n= 5$ ). Em relação ao nível da religiosidade (de nenhum a alto envolvimento), 33,7% ( $n= 31$ ) dos participantes declarou possuir baixo nível de envolvimento, 31,5% envolvimento em nível médio ( $n= 29$ ), 18,5% alto nível de envolvimento religioso ( $n= 17$ ) e 13% ( $n= 12$ ) nenhum nível de envolvimento, além de 3,3% ( $n= 3$ ) dos participantes que não respondeu.

### Instrumentos

Escala de Forças de Caráter – EFC (Noronha & Barbosa, 2016)

A EFC foi desenvolvida para o contexto brasileiro com base nos pressupostos teóricos de Peterson e Seligman (2004). A escala possui 71 itens Likert, com variação de 0 (nada a ver comigo) a 4 (tudo a ver comigo). Cada uma das 24 forças pessoais possui três itens para descrevê-la, sendo exceção a força apreciação do belo, composta por dois itens. Em relação à estrutura interna, diferentes estudos foram realizados (Noronha, & Batista, 2020a, Noronha et al., 2015), sendo o alfa de Cronbach de 0,93. São exemplos de itens: “Faço as coisas de jeitos diferentes” (força criatividade) e “Não guardo mágoas se alguém me maltrata (força perdão). Destaca-se que a nomenclatura da EFC não foi modificada ainda, uma vez que o termo “forças pessoais” está sendo adotado aos poucos pelos pesquisadores por traduzir melhor o termo original “Character Strengths” (Noronha & Reppold, 2020).

Escala de Avaliação da Percepção de Religiosidade- EAPRE (Noronha et al., 2017)

A construção da EAPRE se desenvolveu mediante as concepções teóricas de Lotufo Neto (1997) e Shannon (2004). O instrumento é composto por duas seções, sendo a primeira de identificação dos participantes, a saber, sexo, idade, religião e nível de religiosidade, de forma que para essa última, o respondente deve indicar o nível o qual se envolve com a religião em uma escala de quatro pontos (de nenhum a alto envolvimento). A segunda parte contém 74 itens com respos-

ta Likert (1= pouco a 5= muito) que indicam algumas ações relacionadas à prática religiosa, a saber, “educar as pessoas na fé”, “rezar”, entre outras. A solução de dois fatores foi adotada como a mais adequada teoricamente. O fator 1, externalização da religiosidade, refere-se à demonstração do comportamento religioso ( $\alpha= 0,95$  e o fator 2, internalização da religiosidade, diz respeito ao valor que o respondente atribui à religião ( $\alpha= 0,94$ ) (Noronha et al., 2017). A pontuação varia entre 91 e 455 pontos, de forma que quanto maior a pontuação do respondente, maior será a sua percepção de religiosidade.

### Procedimentos

Após a autorização da instituição de ensino e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco (CAEE: 53659716.8.0000.5514), as aplicações foram realizadas de forma coletiva em salas de aula, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após esclarecimento de dúvidas, os instrumentos foram apresentados sempre na mesma sequência: Escala de Forças e Escala de Avaliação da Percepção de Religiosidade. O tempo médio para preenchimento dos instrumentos foi de 40 minutos.

### Plano de Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). Posteriormente foram utilizadas estatísticas descritivas e inferenciais para atender aos objetivos do estudo. Mais especialmente, foi utilizado o teste de correlação de Pearson segundo a interpretação de Levin e Fox (2004) para a investigação da relação entre os construtos nível de percepção de religiosidade e forças pessoais, posto que há um consenso sobre a normalidade dos dados em amostras superiores a 30 participantes (Le Boedec, 2016; Miot, 2017). Posteriormente, foi aplicada a ANOVA e o Teste *t* de Student para comparações relacionadas ao sexo, idade e nível de religiosidade dos participantes.

### Resultados

A princípio foram investigadas as correlações entre as 24 forças pessoais e os fatores da EAPRE. Conforme apresentado na Tabela 1, foram encontradas correlações positivas entre forças e os fatores da EAPRE, com valores que variaram de  $r= 0,22$  a  $0,53$ .

Tabela 1

Correlações entre as Forças Pessoais e os Fatores da EAPRE

Forças Pessoais	EAPRE	
	Internalização	Externalização
Criatividade	0,27*	-0,01
Curiosidade	0,09	0,00
Pensamento Crítico	0,45**	0,03
Amor pelo aprendizado	0,08	0,04
Sensatez	0,49**	0,19
Autenticidade	0,30**	0,04
Bravura	0,27*	0,01
Persistência	0,28**	0,08
Vitalidade	0,35**	0,21
Generosidade	0,48**	0,30**
Amor	0,39*	0,15
Inteligência Social	0,31**	0,08
Justiça	0,29**	0,07
Liderança	0,19	0,06
Trabalho em equipe	0,28*	0,07
Perdão	0,33**	0,25*
Modéstia	0,40**	0,18
Prudência	0,39**	0,01
Autorregulação	0,29**	0,01
Apreciação da beleza	0,22*	-0,07
Gratidão	0,23*	0,20
Esperança	0,32*	0,05
Humor	0,36**	-0,05
Espiritualidade	0,49**	0,53**

\* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,01$ ; EAPRE: Escala de Avaliação da Percepção de Religiosidade

Em relação ao fator internalização e as forças pessoais, foram encontradas 21 coeficientes significativos dos 24 possíveis, sendo que somente com as forças liderança, amor pelo aprendizado e curiosidade não foram encontradas significâncias estatísticas. As magnitudes variaram de baixas a moderadas, entre  $r = 0,22$  (apreciação da beleza) e  $r = 0,49$  (espiritualidade e sensatez). Quanto ao fator externalização, foram encontrados coeficientes positivos e significativos com apenas três forças, a saber, perdão ( $r = 0,25$ ), generosidade ( $r = 0,31$ ) e espiritualidade ( $r = 0,53$ ).

Em relação à variável sexo, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. As mulheres apresentaram maiores médias que os homens no fator internalização da EAPRE ( $M = 174,28$ ;  $t[72,440] = -2,416$ ;  $p = 0,017$ ) e em seis forças da EFC: amor ( $M = 9,22$ ;  $t[89] = -2,693$ ;  $p = 0,008$ ), inteligência social ( $M = 8,67$ ;  $t[83,858] = -3,287$ ;  $p = 0,001$ ), modéstia ( $M = 9,22$ ;  $t[90] = -2,407$ ;  $p = 0,018$ ), apreciação da beleza ( $M = 6,85$ ;  $t[90] = -2,561$ ;  $p = 0,012$ ), esperança ( $M = 9,82$ ;  $t[77,141] = -2,061$ ;  $p = 0,043$ ) e espiritualidade ( $M = 9,78$ ;  $t[78,729] = -2,754$ ;  $p = 0,007$ ).

As diferenças relacionadas à faixa etária dos participan-

tes também foram investigadas. Para tanto, os participantes foram organizados em três grupos de acordo com quartil, sendo que o grupo 1 foi composto por participantes com idades entre 18 e 21 anos (até quartil 25), o grupo 2, por participantes com idades entre 22 e 25 anos (quartil superior a 25 e inferior a 75) e no grupo 3 (quartil 75 ou mais) ficaram reunidos os participantes com 26 anos ou mais. A ANOVA indicou diferença estatisticamente significativa para a força amor pelo aprendizado ( $F[88] = 3,470$ ;  $p = 0,035$ ) e o teste *post hoc* demonstrou a existência de dois grupos distintos (mais velhos e mais novos), sendo que o grupo dos mais velhos apresentou maior média ( $M = 11,89$ ) que os mais novos ( $M = 9,06$ ).

O nível de percepção de religiosidade dos participantes também foi objeto de investigação. A ANOVA indicou diferenças estatisticamente significativas para as forças pessoais apreciação da beleza ( $F[85] = 4,318$ ;  $p = 0,007$ ), espiritualidade ( $F[82] = 13,025$ ;  $p = 0,001$ ), sensatez ( $F[85] = 3,693$ ;  $p = 0,015$ ), trabalho em equipe ( $F[84] = 3,469$ ;  $p = 0,020$ ), criatividade ( $F[85] = 3,362$ ;  $p = 0,022$ ) e amor ( $F[84] = 2,965$ ;  $p = 0,037$ ) e significâncias marginais nas forças generosidade ( $F[84] = 2,653$ ;  $p = 0,054$ ), perdão ( $F[83] = 2,633$ ;  $p = 0,055$ ) e inteligência social ( $F[84] = 2,605$ ;  $p = 0,057$ ). Em relação aos fatores da EAPRE, foi encontrada diferença estatisticamente significativa para o fator externalização ( $F[76] = 21,776$ ;  $p = 0,001$ ). Na Tabela 2 são apresentados os resultados encontrados no teste *post hoc* para o nível de religiosidade.

Tabela 2

Teste post hoc para nível de religiosidade

Forças de Pessoais	F	p	Post-hoc (Média)		
			1	2	3
Criatividade	3,362	0,022	Baixo (7,06)	Nenhum (9,08)	-
Generosidade	2,653	0,054	Nenhum (8,83)	Alto (10,53)	-
Trabalho em equipe	3,469	0,020	Baixo (8,23)	Nenhum (9,83)	-
Apreciação da beleza	4,318	0,007	Baixo (5,84)	Nenhum (7,33)	-
Espiritualidade	13,025	0,000	Nenhum (6,50)	Alto (11,25)	-

  

EAPRE	F	p	Post-hoc (Média)		
			1	2	3
Externalização	21,776	0,000	Nenhum (45,75)	Médio (82,83)	Alto (110,71)

Conforme a Tabela 2, o teste *post hoc* indicou a existência de dois grupos distintos (baixo e nenhum nível de religiosidade) para as forças criatividade, trabalho em equipe e apreciação da beleza, sendo que os participantes que indicaram não possuir nenhum nível de religiosidade apresentaram maiores médias. Para as forças pessoais generosidade e espiritualidade, o teste *post hoc* indicou dois grupos distintos (alto e nenhum nível de religiosidade), de forma que os participantes que possuíam alto nível de religiosidade apresentaram maiores médias. Além disso, foram indicados três grupos (nenhum, médio e alto nível de religiosidade) para o fator externalização da EAPRE, sendo que os respondentes que indicaram alto nível de religiosidade apresentaram maiores médias que os demais.

## Discussão

O presente estudo objetivou relacionar duas medidas que avaliam respectivamente, o nível de percepção de religiosidade e as forças pessoais, com o intuito de compreender as associações entre os construtos, bem como analisar de modo exploratório diferenças de idade, sexo e frequência em cultos religiosos. Em relação à Escala de Avaliação de Percepção de Religiosidade, Noronha et al. (2017) encontraram dois fatores, a saber, externalização e internalização. O primeiro diz respeito ao comportamento religioso, ou seja, refere-se a frequentar o templo ou participar dos grupos e ações religiosas. A internalização foi compreendida como a valoração atribuída à religião, por exemplo, buscar ser humilde, amar o próximo, ser solidário, respeitar o ser humano e perdoar. A Escala de Forças de Caráter, em seu turno, avalia 24 forças, compreendidas como características positivas de personalidade (Niemiec, 2018; Peterson & Seligman, 2004).

Quando os instrumentos foram relacionados, observou-se um número maior de coeficientes significativos entre as forças e o componente Internalização da EAPRE, o que se justifica teoricamente, pois se refere ao significado que o indivíduo atribuiu à religião (Lotufo Neto, 1997), portanto mais associado ao que é intrínseco à personalidade do indivíduo (Noronha & Reppold, 2020), e não ao comportamento religioso, expresso pela participação em cultos e frequência a templos. Merecem destaque as cinco forças com maiores magnitudes, embora todas moderadas: espiritualidade, sensatez, generosidade, abertura a novas ideias e modéstia. A espiritualidade implica refletir sobre o sentido da vida e ter crenças que lhe expliquem sobre o propósito do universo. Sensatez diz respeito a olhar o mundo de modo sereno e com sentido para si e para os outros, e com base nisso, fornecer conselhos sábios. Ajudar as pessoas e ser generoso é o que define a generosidade. Por pensamento crítico, entende-se refletir para não tirar conclusões precipitadas e, por fim, modéstia é ser humilde e não se sentir melhor que o outro (Niemiec, 2018; Noronha & Reppold, 2020; Peterson & Park, 2006; Pe-

terson & Seligman, 2004).

Assim, buscar a felicidade, ser solidário e humilde, compreender o outro e perdoar, características medidas pela EAPRE no fator internalização, associam-se com generosidade, modéstia, sensatez e pensamento crítico das forças pessoais, o que pode ser justificado pela influência da moralidade atrelada às filosofias e culturas religiosas emanadas da sociedade (Peterson & Seligman, 2004). Tal como destacado por Stulp et al. (2019), os rituais e comportamentos religiosos, inseridos em um determinado contexto sociocultural, impactam a formação do indivíduo e, portanto, em suas características pessoais. Convém destacar que, dentre as correlações da EFC e da EAPRE, por meio do fator internalização, a de maior magnitude se deu com a força espiritualidade (além de sensatez), o que era teoricamente esperado (Peterson & Park, 2006). No entanto, há que se ressaltar as diferenças entre as magnitudes das correlações desta pesquisa e a obtida por Ashfaq (2022). Esse autor encontrou coeficientes de alta magnitude entre forças e religiosidade. O uso de instrumentos distintos, as variações culturais e o uso de um escore geral para as forças podem explicar os resultados distintos.

As diferenças quanto ao sexo indicaram que as mulheres apresentaram maiores médias que os homens nas forças pessoais, o que está em consonância com outras pesquisas (Linley et al., 2007; Noronha & Barbosa, 2016; Noronha & Martins, 2016). Noronha e Barbosa (2016) identificaram diferenças significativas quanto ao sexo em 10 das 24 forças pessoais, sendo que em sete, a média foi maior para as mulheres, a saber, amor, inteligência social, modéstia, apreciação do belo, espiritualidade, autenticidade e generosidade, de modo semelhante aos achados do presente estudo. Uma justificativa para tais achados é o fato de as forças pessoais estarem ligadas aos afetos, ao cuidado com os demais. Forças como amor e esperança são culturalmente incentivadas e cultivadas nas mulheres por aflorarem o lado maternal e cuidador. Por sua vez, os homens apresentam pontuações maiores nas forças intelectuais como criatividade e amor pelo aprendizado, por exemplo (Bdar et al., 2011).

Por sua vez, as diferenças encontradas no fator internalização da EAPRE, também quanto ao sexo, pode ser explicadas por meio dos achados de Wink e Dillon (2008), e Brown et al. (2013). Wink e Dillon (2008) ressaltaram que os níveis de espiritualidade aumentam ao longo da vida, sobretudo nas mulheres, uma vez que elas tendem a recordar mais as vivências negativas que os homens. Assim, as mulheres demonstram maior capacidade motivacional para criar um sentido amplo de significado pessoal para outrem (Brown et al., 2013) e, possivelmente por isso, atribuem maior importância à religião (Hoffmann, 2018; Moreira-Almeida et al., 2010; Schnabel, 2017, 2018). Neste particular, importa identificar as forças pessoais mais proeminentes em um grupo a depender da variável estudada, pois intervenções baseadas em evidências

poderão se beneficiar de resultados de pesquisas recentes. No entanto, os achados devem ser ponderados em razão da amostra em tela, dos conceitos teóricos que serviram de subsídio para a construção dos instrumentos, assim como das culturas em que a pesquisa foi realizada.

Quanto à faixa etária, apenas para a força amor pelo aprendizado foi identificada diferença estatisticamente significativa, sendo que o grupo dos mais velhos (com 26 anos ou mais) apresentou maiores médias. Noronha e Barbosa (2016) encontraram maiores médias dos participantes mais velhos na força amor pelo aprendizado e em abertura a novas ideias, amor, justiça e liderança, o que se assemelha ao que foi apresentado no presente estudo. Ademais, os autores identificaram maiores médias dos mais novos nas forças bravura, inteligência social e modéstia, enquanto Linley et al. (2007) identificaram magnitudes de associação baixas entre as forças e a faixa etária, mas ressaltam que as forças podem se desenvolver com o avançar da idade. Os achados podem indicar que algumas forças são mais comuns em determinadas faixas etárias ou ciclos da vida que outras. Como exemplo, cita-se a força amor pelo aprendizado, que contribui para bons desempenhos acadêmicos e bem-estar psicológico (Choudhury & Borooah, 2017; Gustems & Calderon, 2014). De qualquer modo, deve-se levar em consideração as faixas etárias das amostras utilizadas nos estudos. Particularmente, no de Noronha e Barbosa (2016), a média de idade foi de 23 anos, portanto, composta por participantes jovens.

No tocante ao nível de percepção de religiosidade, ainda que as diferenças encontradas para generosidade, inteligência social e perdão tenham sido marginais, os resultados assemelham-se aos identificados por Barton e Miller (2015). Os autores identificaram que participantes com altos níveis de espiritualidade, mais ligada ao fator internalização da religiosidade, como mencionado anteriormente, endossaram mais perdão, otimismo, coragem e significado em grupos etários de adultos jovens e adultos mais velhos. Ademais, no que se refere à força espiritualidade e à externalização da religiosidade, os resultados eram esperados, uma vez que é coerente perceber-se com maiores níveis de religiosidade e externalizá-la (Noronha et al., 2017). Por fim, em relação à generosidade, os resultados são coerentes com a literatura, dado que atribuir grande importância à religião permite ao indivíduo visar atitudes generosas e de perdão (Lotufo Neto, 1997; Shannon, 2004).

Os resultados aqui apresentados, tanto para a EAPRE quanto para a EFC, embora em consonância com a literatura, poderiam compor agendas de pesquisas com amostras diversificadas incluindo medidas que avaliem outros construtos. Uma vez que não focamos nas características sociodemográficas dos participantes, mas nas correlações entre os construtos, seria oportuno incluir outros dados para fim de comparação, a saber, tempo que os universitários dedicam ao estudo e satisfação com o curso, de forma a identificar como

as forças pessoais e o nível de percepção de religiosidade podem impactar, ou serem impactadas, em função dessas características. Para tanto, outras análises poderiam ser aplicadas, como análises de regressão e correlações parciais, controlando sexo e faixa etária, por exemplo.

No Brasil, os estudos com instrumentos que avaliam construtos da psicologia positiva ainda são diminutos, de modo que outras pesquisas se justificam no contexto acadêmico, dada a sua relevância na formação de profissionais qualificados e na descoberta de valores pessoais. No que se refere às limitações do presente estudo, modelos teóricos de forças e espiritualidade e religiosidade poderiam ser empregados com outras amostras (freiras, padres, pastores, médiuns, entre outros grupos religiosos) a fim de permitir o amadurecimento dos conceitos investigados.

## Referências

- Ashfaq, M. S. (2022). Analysis of relationship between character strength and religiosity of University and Madrassa students. *Review of Applied Management and Social Sciences*, 5(1), 15-30. <https://doi.org/10.47067/ramss.v5i1.203>
- Barton, Y. A., & Miller, L. (2015). Spirituality and positive psychology go hand in hand: An investigation of multiple empirically derived profiles and related protective benefits. *Journal of Religion and Health*, 54, 829-843. <https://doi.org/10.1007/s10943-015-0045-2>
- Batista, H. H. V., & Noronha, A. P. P. (2021). Forças pessoais/de caráter e autorregulação emocional: Associações e evidências de validade. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 22(1), 37-49. <https://doi.org/10.15309/21psd220105>
- Batista, H. H. V., Noronha, A. P. P., & Queiroz, L. G. (2021). Medidas de forças de caráter para crianças: Revisão integrativa da literatura. *Contextos Clínicos*, 14(1), 205-227. <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.141.10>
- Bdar, I., Anić, P., & Rijavec, M. (2011). Character strengths and well-being: Are there gender differences? In I. Brdar (Ed.), *The human pursuit of well-being: A cultural approach* (pp. 145-156). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-94-007-1375-8\\_13](https://doi.org/10.1007/978-94-007-1375-8_13)
- Božek, A., Nowak, P. F., & Blukacz, M. (2020). The relationship between spirituality, health-related behavior, and psychological well-being. *Frontiers in Psychology*, 11, 1997. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01997>
- Brown, I. T., Chen, T., Gehlert, N. C., & Piedmont, R. L. (2013). Age and gender effects on the Assessment of Spirituality and Religious Sentiments (ASPIRES) scale: A cross-sectional analysis. *Psychology of Religion and Spirituality*, 5(2), 90-98. <https://doi.org/10.1037/a0030137>
- Choudhury, S. A., & Borooah, I. P. (2017). Character strengths and academic achievement in undergraduate college students of Guwahati, Assam. *Space and Culture*, 5(1), 49-64. <https://doi.org/10.20896/saci.v5i1.242>

- Deb, A. (2018). Psychology of resilience. In G. Misra (Ed.), *Psychosocial Interventions for Health and Well-Being* (pp.43-57). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-81-322-378-2\\_4](https://doi.org/10.1007/978-81-322-378-2_4)
- Duan, W., Bu, H., Zhao, J., & Guo, X. (2019). Examining the mediating roles of strengths knowledge and strengths use in a 1-year single-session character strength-based cognitive intervention. *Journal of Happiness Studies*, 20(6), 1673–1688. <https://doi.org/10.1007/s10902-018-0014-z>
- Farinha, F. T., Banhara, F. L., Bom, G. C., Kostrisch, L. M. V., Prado, P. C., & Trettene, A. S. (2018). Correlation between spirituality, religiosity and quality of life of adolescents. *Revista Bioética*, 26(4), 567–573. <https://doi.org/10.1590/1983-80422018264275>
- Greer, D. B., & Abel, W. M. (2017). Religious/spiritual coping in older african american women. *The Qualitative Report*, 22(1), 237-260. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2017.2535>
- Gustems, J., & Calderon, C. (2014). Character strengths and psychological wellbeing among students of teacher education. *International Journal of Educational Psychology*, 3(3), 265-286. <https://doi.org/10.4471/ijep.2014.14>
- Gwin, S., Branscum, P., Taylor, L., Cheney, M., Maness, S. B., Frey, M., & Zhang, Y. (2020). Associations between depressive symptoms and religiosity in young adults. *Journal of religion and health*, 59(6), 3193-3210. <https://doi.org/10.1007/s10943-019-00889-5>
- Hoffmann, J. P. (2018). Risk preference theory and gender differences in religiousness: A replication and extension. *Journal of Scientific Study of Religion*, 58(1), 210-230. <https://doi.org/10.1111/jssr.12578>
- Idriyani, N. (2021). Religiosity as a mediator variable influence between character strength and parent attachment on the resilience of adolescent victims of earthquake and tsunami living on the coastal, Banten. *Psikis: Jurnal Psikologi Islami*, 7(1), 71-78. <https://doi.org/10.19109/psikis.v7i1.7911>
- Lang, M. (2019). The evolutionary paths to collective rituals: An interdisciplinary perspective on the origins and functions of the basic social act. *Archive for the Psychology of Religion*, 41(3), 224–252. <https://doi.org/10.1177/0084672419894682>
- Lang M., & Kundt, R. (2020). Evolutionary, cognitive, and contextual approaches to the study of religious systems. *Method Theory Study Religion*, 32(1), 1-46. <https://doi.org/10.1163/15700682-12341466>
- Le Boedec K. (2016). Sensitivity and specificity of normality tests and consequences on reference interval accuracy at small sample size: a computer-simulation study. *Veterinary Clinical Pathology*, 45(4), 648-656. <https://doi.org/10.1111/vcp.12390>
- Levin, J., & Fox, J. A. (2004). *Estatística para ciências humanas*. Pearson.
- Linley, P. A., P., Maltby, J., Wood, A. M., Joseph, S., Harrington, S., Peterson, C., Park, S., & Seligman, M. E. P. (2007). Character strengths in the United Kingdom: The VIA Inventory of Strengths. *Personality and Individual Differences*, 43(2), 341-351. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2006.12.004>
- Lotufo Neto, F. (1997). *Psiquiatria e Religião – a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos* [Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo].
- Mezo, P.G., & Elhai, J.D. (2020) Character strengths as complementary predictors of anxiety symptoms. *Applied Research Quality Life*, 16, 2173-2183. <https://doi.org/10.1007/s11482-020-09867-6>
- Miller, W. R., & Thoresen, C. E. (2003). Spirituality, religion, and health: An emerging research field. *American Psychologist*, 58(1), 24-35. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.58.1.24>
- Miot, H. A. (2017). Assessing normality of data in clinical and experimental trials. *Jornal Vasculiar Brasileiro*, 16(2), 88-91. <https://doi.org/10.1590/1677-5449.041117>
- Moreira-Almeida, A., Pinsky, I., Zaleski, M., & Laranjeira, R. (2010). Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(1), 18-21. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000100003>
- Niemiec, R. M. (2018). *Character strengths interventions: A field-guide for practitioners*. Hogrefe.
- Niemiec, R. M., & Pearce (2021). The practice of character strengths: Unifying definitions, principles, and exploration of what's soaring, emerging, and ripe with potential in science and in practice. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.590220>
- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. C. (2016). Escala de forças e virtudes. In C. S. Hutz (Ed.), *Avaliação em Psicologia Positiva: Técnicas e Medidas*. Hogrefe CETEPP.
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2017). Escala de forças e estilos parentais: Estudo correlacional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(2), 2-19. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2016v8n2p02>
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2020a). Analysis of the internal structure of the Character Strengths scale. *Ciências Psicológicas*, 14(1), 1-12. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i1.2150>
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2020b). Relações entre forças de caráter e autorregulação emocional em universitários brasileiros. *Revista Colombiana de Psicología*, 29(1), 73-86. <https://doi.org/10.15446/v29n1.72960>
- Noronha, A. P. P., & Campos, R. R. F. (2018). Relationship between character strengths and personality traits. *Estudos de Psicologia*, 35(1), 29-37. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000100004>
- Noronha, A. P. P., Dellazana-Zanon, L. L., & Zanon, C. (2015). Internal structure of the characters strengths scale in Brazil. *Psico-USF*, 20(2), 229-235. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200204>

- Noronha, A. P. P. & Martins, D. F. (2016). Associações entre forças de caráter e satisfação com a vida: Estudo com Universitários. *Acta Colombiana de Psicología*, 19(2), 83-89. <https://doi.org/10.14718/ACP.2016.19.2.5>
- Noronha, A. P. P., & Reppold, C. T. (2020). As fortalezas dos indivíduos: o que são forças de caráter? In M. Rodrigues, & D. S. Pereira. (Orgs.), *Psicologia Positiva: Dos conceitos à aplicação* (1ª ed., pp. 43-58). Sinopsys.
- Noronha, A. P. P., Rosa, P. A. C., & Bernardes, L. F. A. (2017). Estudos psicométricos da Escala de Avaliação da Percepção de Religiosidade. *Avaliação Psicológica*, 16(2), 215-224. <https://doi.org/10.15689/AP.2017.1602.12>
- Ntozini, A., & Walton, K. (2020). The relationship between religion/spirituality and the general psychological well-being of the elderly institutionalized population in the Eastern Cape, South Africa. *Journal of Psychiatry*, 23(4). <https://doi.org/10.35248/2378-5756.20.23.470>
- Peterson, C., & Park, N. (2006). Classification and measurement of character strengths: implications for practice. In P. A. Linley, & S. Joseph (Eds.), *Positive Psychology in Practice* (pp. 433-446). Wiley.
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: a handbook and classification*. American Psychological Association.
- Rafati, F., Mashayekhi, F., & Dastyar, N. (2020). Caregiver Burden and Spiritual Well-being in Caregivers of Hemodialysis Patients. *Journal of religion and health*, 59(6), 3084-3096. <https://doi.org/10.1007/s10943-019-00939-y>
- Rand, K. L., Shanahan, M. L., Fischer, I. C., & Fortney, S. K. (2020). Hope and optimism as predictors of academic performance and subjective well-being in college students. *Learning and Individual Differences*, 81, 1-9. <https://doi.org/10.1016/j.lindif.2020.101906>
- Robinson, O. C., Hanson, K., Hayward, G., & Lorimer, D. (2018). Age and cultural gender equality as moderators of the gender difference in the importance of religion and spirituality: Comparing the United Kingdom, France, and Germany. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 58(1), 301-308. <https://doi.org/10.1111/jssr.12567>
- Schnabel, L. (2017). Gendered religiosity. *Review of Religious Research*, 59(4), 547-556. <https://doi.org/10.1007/s13644-017-0302-9>
- Schnabel, L. (2018). Does religion suppress gender differences in values? A cross-national examination. <https://doi.org/10.31235/osf.io/k3qjr>
- Schnitker, S. A., Medenwaldt, J. M., & Williams, E. G. (2021). Religiosity in adolescence. *Current Opinion in Psychology*, 40, 155-159. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.09.012>
- Seligman, M. E. P. (2019). Positive Psychology: A personal history. *Annual Review of Clinical Psychology*, 15(1), 1-23. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050718-095653>
- Shannon, C. M. (2004). *An examination of the relationship between religiosity and the social self-efficacy of an individual* [Tese de Doutorado, University of North Texas].
- Sharma, S., & Singh, K. (2019). Religion and well-Being: The mediating role of positive virtues. *Journal of religion and health*, 58(1), 119-131. <https://doi.org/10.1007/s10943-018-0559-5>
- Stulp, H. P., Koelen, J., Schep-Akkerman, A., Glas, G. G., & Eurelings-Bontekoem, L. (2019). God representations and aspects of psychological functioning: a meta-analysis. *Cogent Psychology*, 6(1), 1-50. <https://doi.org/10.1080/23311908.2019.1647926>
- Tehranchi, A., Doost, H. T. N., Amiri, S., & Power, M. J. (2018). The role of character strengths in depression: A structural equation model. *Frontiers in Psychology*, 9(1609), 1-9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01609>
- Thiengo, P. C. S., Gomes, A. M. T., Mercês, M.C., Couto, P. L. S., França, L. C. M., & Silva, A. N. (2019). Espiritualidade e religiosidade no cuidado em saúde: revisão integrativa. *Cogitare Enfermagem*, 24(1), 1-12. <https://doi.org/10.5380/ce.v24i0.58692>
- Tinoco-Amador, J. R. (2009). Identificando los constructos de la religiosidad para jóvenes universitarios en México. *Universitas Psychologica*, 8(3), 807-829.
- Van Niekerk, B. (2018). Religion and spirituality: What are the fundamental differences? *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, 74(3), 1-11. <https://doi.org/10.4102/hts.v74i3.4933>
- Wink, P., & Dillon, M. (2008) Religiousness, spirituality, and psychosocial functioning in late adulthood: Findings from a longitudinal study. *Psychology of Religion and Spirituality*, 1, 102-115. <https://doi.org/10.1037/1941-1022.S.1.1002>
- Zinnbauer, B. J., Pargament, K. I., Cole, B., Rye, M. S., Butter, E. M., Belavich, T. G., Hipp, K. M., Scott, A. B., & Kadar, J. L. (1997). Religiousness and spirituality: Unfuzzifying the fuzzy. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 36(4), 549-564.

Data de submissão: 13/02/2021  
Primeira decisão editorial: 18/03/2022  
Aceite: 16/05/2022